

IDÉIAS METODOLÓGICAS DOS AUTORES DE ESTRATÉGIA DOS ENANPADS: UMA META-ANÁLISE

Marlusa Gosling^{1 e 2}

Rua Pedro Leopoldo, 25 – Bonfim
CEP: 31210-270 Belo Horizonte/MG Brasil
Tel.: (31) 34226760
E-mail: marlusa@uai.com.br

Carlos Alberto Gonçalves³

Rua Curitiba, 832 – Sala 1105, 11º andar – Centro
CEP: 30170-120 Belo Horizonte/MG Brasil
Tel.: (31) 88231122
E-mail: carlos@face.ufmg.br

¹ Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais – FEAD-MG
CEP: 30110-090 Belo Horizonte/MG Brasil

² Faculdade Batista de Minas Gerais – FBMG
Núcleo de Pesquisas em Administração
CEP: 30000-000 Belo Horizonte/MG Brasil

³ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração - CEPEAD
CEP: 30170-120 Belo Horizonte/MG Brasil

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma meta-análise dos trabalhos empíricos ou teórico-empíricos apresentados nos ENANPADs de 1997 a 2002. A escolha desse período específico se deu em função de que 1997 foi o primeiro ano em que houve uma área exclusivamente dedicada a estudos de estratégia organizacional. A escolha de artigos publicados nos ENANPADs como unidade de análise se deu em função da importância desse evento para pesquisadores de Ciências Sociais Aplicadas, notadamente Administração, bem como para executivos que estejam sempre em busca de diferencial para suas organizações. Além disso, nota-se a crescente projeção do tema Estratégia na Administração. O estudo em tela é descritivo, com tratamento estatístico descritivo de dados (secundários) coletados, cuja unidade de análise são os artigos empírico ou teórico-empíricos da área de Estratégia nas Organizações, apresentados nos ENANPADs de 1997 a 2002. A unidade de observação são os resumos, a parte que trata da metodologia, os resultados e as conclusões dos mesmos.

Palavras-chave: Estratégia, metodologia, meta-análise.

IDÉIAS METODOLÓGICAS DOS AUTORES DE ESTRATÉGIA DOS ENANPADS: UMA META-ANÁLISE

1 INTRODUÇÃO

Nas Ciências Sociais Aplicadas, especificamente na Administração, um dos temas mais sedutores, talvez pela diversidade de assuntos que pode abranger, é a estratégia nas organizações. Obras de autores renomados, como Chandler (1962), Ansoff (1983), Mintzberg (1973), Porter (1989), Pfeffer e Salancik (1978), Hannah e Freeman (1977) e muitos outros mais se ocuparam (e ainda se ocupam) do tema. No Brasil, nota-se o crescente interesse de pesquisadores e executivos acerca do assunto, a partir de congressos, seminários, livros e publicações em periódicos de Administração. Nos encontros anuais da ANPAD – os ENANPADs – também se mostra tal interesse, visto que, a partir de 1997, uma área específica (Estratégia nas Organizações) foi criada para abarcar e avaliar os artigos enviados, cujo tema principal fosse relacionado à estratégia. Para se ter uma idéia da dimensão que o interesse pelo tema tomou, aconteceu, em 2003, o primeiro encontro de estudos em estratégia, um evento sob o guarda-chuva da marca ANPAD, mas a ser realizado separado do ENANPAD.

Outro argumento favorável à relevância do tema é o fato que, embora tenha poucos anos de existência independente nos ENANPADs, a área de estratégia já foi objeto de estudo de dois artigos, que fizeram uma (meta) análise da produção da área nos ENANPADs. Ambos foram apresentados em 2001, sendo que o artigo de Bignetti e Paiva (2001) analisou os autores mais citados nos artigos apresentados em Estratégia nas Organizações, desde 1997. Já o artigo de Paulino, Barbieri e De Freitas. (2001) analisou os artigos apresentados nos ENANPADs desde 1997, classificando-os na tipologia proposta por Mintzberg Ahlstrand e Lampel (2000), no livro *Safári de Estratégia*.

Apesar desses dois excelentes estudos anteriores, os autores do presente estudo perceberam que ainda não havia sido feita uma “radiografia” dos artigos da área de Estratégia dos ENANPADs de 1997 a 2002, em termos da metodologia empregada. Assim, o artigo em tela tem por objetivo fazer uma meta-análise da metodologia dos artigos empíricos e dos teórico-empíricos apresentados nos últimos cinco ENANPADs (Estratégia nas Organizações). Além disso, achou-se por bem estender o estudo de forma a abranger a leitura dos resumos (para classificar os artigos quanto ao tema principal abordado), dos resultados e das considerações finais (ou conclusões). A seção que trata da metodologia e das variáveis utilizadas esclarecerá melhor tal necessidade.

Assim sendo, pode-se considerar que a questão norteadora da presente pesquisa é: “*em termos de perfil metodológico, como podem ser classificados e caracterizados os artigos apresentados na área de Estratégia nas Organizações nos ENANPADS de 1997 a 2002?*”

As variáveis utilizadas nesta meta-análise serão mais bem caracterizadas no referencial teórico e na seção que trata da metodologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como se sabe, a “primeira” grande divisão de pesquisas empíricas em Ciências Sociais é separá-las em dois grandes blocos: pesquisa qualitativa e quantitativa. Creswell (1994) propõe as características dadas no quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização de pesquisas qualitativa e quantitativa

Aspectos	Questões	Quantitativa	Qualitativa
Ontológico	Qual é a natureza da realidade?	Realidade é objetiva e singular, separada do pesquisador.	Realidade é subjetiva e múltipla, como é vista pelos participantes em um estudo.
Epistemológico	Qual a relação entre o pesquisador e o pesquisado?	São independentes.	O pesquisador interage com o pesquisado.
Axiológico	Qual o papel dos valores?	Livre de valores e não-enviesado.	Dependente de valores e enviesado.
Retórica	Qual é a linguagem da pesquisa?	Formal, baseada em um conjunto de definições, terceira pessoa.	Informal, definições emergem do estudo, primeira pessoa.
Metodologia	Qual é o processo de Pesquisa?	Processo dedutivo, causa e efeito, desenho estático (categorias isoladas antes do estudo), livre do contexto, generalizações que levam à previsão, explicação e compreensão, acurácia e precisão através de validade e confiabilidade.	Processo indutivo, formação de fatores simultânea e mútua, desenho emergente (categorias identificadas durante o processo de pesquisa), dependente do contexto, padrões, teoria desenvolvidas para o entendimento, acurácia e precisão através da verificação.

Fonte: Creswell (1994, p. 5).

No presente trabalho, foram classificados como qualitativos estudos etnográficos, fenomenológicos, *grounded theory*, observação participante, história oral, história de vida, biografia, pesquisa-ação e estudos de caso simples e múltiplos.

Creswell (1994) explica que esse desenho de pesquisa teve origem na Antropologia, tendo como principais contribuições os trabalhos de Malinowski, Park e Boas. Nesse tipo de estudo, busca-se obter um quadro holístico do assunto em estudo, com ênfase nas experiências cotidianas do indivíduo. Incluem-se entrevistas em profundidade e observação participante constante de determinada situação, na tentativa de revelar como as pessoas descrevem e estruturam o mundo. Révillion (2001, p. 9) explica que

No método etnográfico, o problema de pesquisa é redescoberto no trabalho de campo, ou seja, deve-se evitar a definição rígida e apriorística de hipóteses. Outra característica é a participação pessoal do pesquisador em todas as fases da pesquisa, inclusive no trabalho de campo (coleta de dados), o qual pressupõe uma longa e intensa imersão no contexto a ser pesquisado.

Para Bruyne *et al.* (1990, p. 75), a fenomenologia é

um método original cujo interesse para a pesquisa situa-se no nível fundamental da elaboração conceitual. Esse procedimento vai do constituído (realidade concreta) ao constituinte (essência)..

Como atitude metodológica, o pesquisador deve proceder à redução (*époché*), que é caracterizada pela busca do fenômeno puro, liberto de elementos culturais e pessoais, ou seja, é a própria busca da essência, “[...] daquilo que faz com o que o objeto seja o que é e não outra coisa” (Coltro, 2000, p. 43). Apesar de complexo, isso é possível, pois “todos sabemos a diferença entre um fenômeno e a abordagem que fazemos dele”. (Nisbet e Botomore *apud* Révillion, 2001, p. 9). Bruyne *et al.* (1990, p. 77) consideram o aspecto mais radical do método fenomenológico “a vontade de explicitar constantemente as camadas de sentido mais originárias, as essências mais escondidas; a fenomenologia torna-se assim *hermenêutica*, ciência da interpretação” (grifo no original). Cumpre ressaltar, finalmente, que a fenomenologia pode ser usada no estudo das estratégias dos administradores, ao se buscarem as essências embutidas em suas ações.

A *grounded theory* (ou teoria embasada, como conhecida no Brasil) é um método de pesquisa qualitativa, que, segundo (Ichikawa e Santos, 2001, p. 5), “tem suas raízes no interacionismo simbólico, que parte do princípio de que todas as teorias são construções simbólicas da realidade.” As autoras explicam que a *grounded theory* surgiu nos EUA, nos anos 60, sendo amplamente divulgada por Glaser e Strauss (1967). Trata-se de uma teoria baseada nos dados, em um processo claramente indutivo. “O pesquisador deve começar a pesquisa apenas com um modelo parcial de conceitos ‘locais’, ou seja, conceitos que indicam alguns aspectos principais da estrutura e processos da situação que será estudada” (Ichikawa e Santos, 2001, p. 6).

Haguette (2000) esclarece que a observação participante não tem definição clara nas Ciências Sociais. A autora explica que alguns a consideram não só um instrumento de coleta de dados, mas também de modificação do meio pesquisado. O observador está face-a-face com os observados, participando, portanto, da coleta de dados. Nota-se que o observador pode estar revelado ou encoberto, desempenhar um papel formal ou informal e ser parte principal ou periférica da estrutura social observada. Haguette (2000) evidencia possíveis vieses do observador, na verdade, inerentes à observação participante, que a autora chama de fatores externos: (i) o viés sócio-cultural; (ii) o viés profissional/ideológico; (iii) o viés interpessoal; (iv) o viés emocional; e (v) o viés normativo.

Ao escrever o presente artigo, os autores do mesmo perceberam uma semelhança entre as características da observação participante e da técnica preconizada por Mintzberg, em 1979, a qual chamou de *direct research* (pesquisa direta). Assim, achou-se por bem, para manter a coerência lógica do texto, explicá-la neste momento. Referindo-se a três grandes projetos de pesquisa, com os quais estava envolvido na época, Mintzberg (1979) escreveu um artigo em que apresentava uma estratégia emergente de pesquisa direta. Perturbado com o fato de a postura positivista, determinística, dedutiva predominar nas pesquisas sobre estratégias nas organizações, além de perceber que tal postura era fomentada nos programas de doutorado em Administração, que tendiam a “inferiorizar” os procedimentos menos “formais” de pesquisa, o autor propôs um tipo alternativo de pesquisa. O artigo cuida de caracterizar tal estudo, sendo que as principais características podem ser assim mostradas:

- a. Ênfase no aspecto descritivo puro da pesquisa, e não na prescrição, de forma que o pesquisador evidencie que o trabalho de um gestor é muito mais descontínuo, orientado à ação e com uso intensivo de comunicação verbal do que querem os cientistas da Administração, que procuram um trabalho gerencial em que se verifique coordenação e controle.

- b. Pesquisa baseada em metodologias simples, e, de certo modo, “pouco elegantes”, sendo a mais indutiva possível. É aqui que o autor advoga pelo uso de um processo indutivo de pesquisa, que ele descreve como sendo a real investigação, já que considera o processo dedutivo como a simples descrição de algo que já se conhece e, portanto, pouco capaz de provocar excitação científica. O autor fala que “em nosso trabalho, nós sempre descobrimos que metodologias mais simples, mais diretas trazem resultados mais úteis. *Como sentar em um escritório de um gerente e observar o que ele faz.* Ou traçar o fluxo de decisões em uma organização” (Mintzberg, 1979, p. 583 - grifo e tradução dos autores).
- c. Pesquisa sistemática, em sua natureza. Aqui, o autor explica que, mesmo que as amostras sejam pequenas, ele não está defendendo pesquisas que não tenham um objetivo definido.
- d. Pesquisa feita em termos de medidas organizacionais reais; ou seja, apesar de ser sistemática, a pesquisa não deve ter tipologias (categorias) pré-definidas. Elas devem espelhar a realidade organizacional estudada, surgindo simultaneamente ao processo de investigação. Aqui, a pesquisa direta se aproxima de alguns aspectos da *grounded theory*, pois Mintzberg também se refere ao processo de “*theory building*”.
- e. A pesquisa é feita para sintetizar, integrar diversos elementos em configurações de tipos puros ou tipos ideais. Para o autor, reduzir um estudo da realidade organizacional à, por exemplo, correlação entre duas variáveis é empobrecer muito o estudo. Interessante a observação que Mintzberg faz, ao se referir a um colega, que “diz que tudo no mundo se correlaciona com tudo em pelo menos 0,3” (Mintzberg, 1979, p. 588).

Thiollent (1997) diferencia a pesquisa participante (observação participante não encoberta, ou seja, os observados estão cientes da presença do pesquisador como observador) da pesquisa-ação, já que, para o autor, na segunda, “existe vontade de ação planejada sobre os problemas detectados na fase investigativa” (Thiollent, 1997, p. 21). Fica claro o caráter interrogativo-crítico da pesquisa-ação, bem como seu compromisso com melhorias e mudanças no meio em que está inserida. Haguette (2000) distingue quatro tipos de pesquisa-ação: a pesquisa-ação participante, a pesquisa-ação de diagnóstico, a empírica, e a experimental.

Segundo Queiroz (1988, p. 19) “História oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo (história de vida) ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade (tradição oral)”. A autora continua explicando que “dentro de um quadro amplo da história oral, a história de vida constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente. Assemelha-se à história de vida as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias, as biografias”. A entrevista está presente em todas as formas de coleta de dados orais, pois implicam sempre uma interação entre pesquisador e narrador. Podem dizer respeito a histórias de vida ou a histórias temáticas, dependendo de como o pesquisador propõe a entrevista, a partir do problema/objetivo da pesquisa. O interesse do pesquisador está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e se insere nas coletividades às quais o narrador pertence. A história de vida demanda tempo, e raramente se esgota em um só encontro. A credibilidade do relato será alcançada pelo cotejo com dados oriundos de outras variadas fontes, que mostrará sua convergência ou não. Finalmente, conclui-se que a história de vida pode não propiciar prova definitiva de uma proposição, mas pode ser um exemplo negativo que nos force a decidir que a teoria proposta é inadequada. Ainda, pode ser importante nos momentos em que uma área de estudo se tornou estagnada. Neste caso, os pesquisadores podem prosseguir coletando documentos pessoais que sugiram novas variáveis, novas questões e novos processos.

É interessante notar que os estudos de caso podem ser considerados uma categoria “maior”, que pode abranger a observação-participante, a pesquisa-ação, a pesquisa direta, a história de vida, a análise de cenários, a fenomenologia e a etnografia. O presente estudo optou por, em vez disso, considerá-los apenas como mais um tipo de pesquisa qualitativa, junto com os demais citados, para dar uma melhor noção de seu uso na área de Estratégia. Reunir todas as categorias citadas sob o “abrigo” de estudos de caso, devido à metodologia utilizada na pesquisa em tela, empobreceria os resultados a serem apresentados. Bruyne *et al.* (1990) esclarecem que o estudo de caso é uma análise intensiva, empreendida em uma organização. Pode ter como objetivo a exploração, a descoberta de novas problemáticas, podem ser descritivos, em que não se ambiciona a generalização, e podem ser ainda diagnósticos (aproximando-se, aqui, da pesquisa-ação). Yin (2001) aumenta o espectro de possibilidades de um estudo de caso, esclarecendo que ele pode ser explanatório. Bruyne *et al.* (1990), em consonância com Yin (2001), explicam que, apesar da natureza qualitativa, os estudos de caso podem recorrer a métodos quantitativos, na sua análise. De fato, vários artigos

analisados no presente trabalho foram estudos de caso que usaram estatísticas descritivas. Mesmo assim, em termos de classificação, foram considerados estudos de caso. Segundo Yin (2001), em estudos de caso múltiplos, investiga-se mais de uma organização (há mais de uma unidade de análise).

Foram considerados, no presente estudo, como métodos de pesquisa quantitativa o levantamento (*survey*), o experimento e o quase-experimento, conforme classificação de Creswell (1994). O levantamento constitui-se de um questionário estruturado dado a uma amostra de uma população, para gerar informações específicas dos entrevistados (Malhotra, 2001). Babbie (1999) esclarece que o *survey* pode ter por objetivo a exploração, a descrição e a explicação. Creswell (1994) acrescenta que a coleta de dados de um levantamento permite que o pesquisador generalize os resultados obtidos de uma amostra para toda a população. Faz-se necessário esclarecer que, para isso, a amostragem deve ter sido probabilística.

Em um experimento, são testadas relações de causa e efeito. Através da manipulação de uma ou mais variáveis independentes, o pesquisador é capaz de descobrir qual manipulação (causa) levou a qual efeito. Para isso, cuidados como validade interna e externa devem ser rigorosamente observados, sob pena de se obter uma relação de causa e efeito simplesmente espúria. Malhotra (2001) define os estudos quase-experimentais como aqueles que aplicam parte dos processos dos experimentos verdadeiros, mas carecem de um controle experimental total. Conclui-se, nesse caso, que os experimentos em Ciências Sociais seriam, na verdade, quase-experimentos, dada a impossibilidade de o pesquisador ter um “controle total” das variáveis intervenientes. No entanto, o presente estudo, ao fazer a meta-análise em artigos empíricos e teórico-empíricos dos ENANPADs de 1997 a 2002, respeitou a classificação dada pelos autores originais do artigo. Assim, mesmo que um estudo experimental devesse ser caracterizado como “quase-experimento”, se os autores originais consideraram-no “experimento”, assim ele foi classificado na meta-análise.

Na seção seguinte, serão definidas as variáveis utilizadas no estudo em tela, e, oportunamente, esclarecido algum conceito que se fizer necessário.

3 METODOLOGIA E VARIÁVEIS UTILIZADAS PARA CLASSIFICAÇÃO

O presente trabalho, conforme já especificado, tem por objetivo fazer uma meta-análise dos trabalhos empíricos ou teórico-empíricos apresentados nos ENANPADs de 1997 a 2002. A escolha desse período específico se deu em função de que 1997 foi o primeiro ano em que houve uma área exclusivamente dedicada a estudos de estratégia organizacional. A escolha de

artigos publicados nos ENANPADs como unidade de análise se deu em função da importância desse evento para pesquisadores de Ciências Sociais Aplicadas, notadamente Administração, bem como para executivos que estejam sempre em busca de diferencial para suas organizações. A área escolhida foi a de estratégia dada a crescente projeção do tema na Administração. Isso pode ser claramente percebido ao se analisar a própria dimensão da área nos ENANPADs – em 1997, foram 28 artigos publicados, e, em 2002, esse número chegou a 55, sendo sempre crescente no intervalo entre esses anos. Note-se, ainda, que a área de estratégia é tão relevante que, em 2003, aconteceu o primeiro congresso exclusivamente sobre estratégia, denominado 3Es, sob o guarda-chuva da marca ANPAD.

Para responder à pergunta principal desse artigo, tomaram-se somente artigos que tivessem uma parte empírica, sendo que os que dissertavam sobre alguma teoria e exemplificavam-na com um caso “real” foram considerados artigos teóricos. Essa decisão foi tomada na medida em que tais artigos, com exemplos, não representavam uma pesquisa empírica nas empresas citadas, apenas uma ilustração da teoria que os autores estavam apresentando.

Assim, caracteriza-se o estudo em tela como descritivo, com tratamento estatístico descritivo de dados (secundários) coletados, cuja unidade de análise são os artigos empírico ou teórico-empíricos da área de Estratégia nas Organizações, apresentados nos ENANPADs de 1997 a 2002. A unidade de observação são os resumos, a parte que trata da metodologia, os resultados e as conclusões dos mesmos.

Em seguida, apresentam-se as variáveis que foram usadas na classificação dos artigos analisados:

- a) Estratégia de pesquisa: refere-se ao tipo de pesquisa conduzida, qual seja, exploratória, descritiva ou causal, conforme classificação de Malhotra (2001). Respeitou-se a classificação feita pelos próprios autores dos artigos analisados. Quando isso não era explicitado, procedeu-se à classificação segundo os moldes dos autores supramencionados no referencial teórico, notadamente Malhotra (2001). Para aquele autor, a *pesquisa exploratória* deve ser utilizada quando o pesquisador ainda não tem compreensão suficiente de um fenômeno, servindo, assim, para descoberta de idéias e dados, para formulação de um problema, para desenvolver hipóteses, para isolar variáveis e relações-chave para exame posterior. Dessa forma, é uma pesquisa mais flexível quanto aos métodos, raramente envolvendo questionários estruturados e amostras grandes. As *pesquisas descritivas*, por outro lado, são marcadas pela formulação prévia de hipóteses específicas, descrevendo características ou funções

organizacionais e envolvendo um estudo pré-planejado e estruturado. Já nas *pesquisas causais*, buscam-se relações de causa e efeito entre variáveis que estejam sendo manipuladas. São típicas de experimentos.

- b) Objetivo de pesquisa: essa variável analisa se o objetivo da pesquisa estava explicitado no artigo avaliado. Codificou-se a variável em 1 caso o objetivo tenha sido explicitado ao longo do artigo e em 2 em caso contrário.
- c) Perguntas/hipóteses de pesquisa: essa variável analisa se existiam perguntas ou hipóteses explicitadas na parte inicial ou na metodologia do artigo analisado. Ou seja, caso as perguntas ou hipóteses tenham sido evidenciadas somente nos resultados da pesquisa, essa variável foi codificada em 2 (não existem perguntas ou hipóteses explicitadas na parte inicial ou na metodologia). De outra forma, foi classificada como igual a 1.
- d) Tema principal: os artigos sob análise foram classificados quanto ao tema principal que trataram, segundo caracterização feita pela própria ANPAD, na página da área de Estratégia nas organizações. Assim, os temas principais dos artigos variaram entre (i) conteúdo e processo estratégico; (ii) formulação, implementação e avaliação de estratégias, (iii) estratégia, ambiente e competitividade; (iv) relações e impacto da estratégia sobre processos e dimensões da organização e (v) artigos que eram meta-análise. Decidiu-se incluir esse último tema, dada a dificuldade de classificar artigos que fossem meta-análises nos quatro temas anteriores. A classificação foi feita mediante leitura do resumo, ou, alternativamente, se necessário, leitura do corpo do artigo analisado. Nesta etapa, os autores do presente artigo leram todos os artigos analisados, e classificaram-nos separadamente. Em seguida, verificavam se a classificação tinha sido a mesma. Em caso de desacordo, havia uma segunda leitura do artigo e tomada de opinião de outros pesquisadores, até que se tivesse alcançado o consenso.
- e) Desenho de pesquisa: recebeu o valor 1 se a pesquisa sob análise tivesse corte transversal e 2, se longitudinal. É interessante esclarecer que, para pesquisas que trabalharam com dados primários, somente as que tiveram aplicação de questionários ou entrevistas em dois ou mais momentos distintos no tempo é que foram consideradas longitudinais (Babbie, 1999; Malhotra, 2001). No caso de pesquisas com dados secundários, foram classificadas como longitudinais as que utilizaram dados ao longo do tempo.

- f) Triangulação de métodos: essa variável nominal recebeu o valor 1 se o (s) autor(es) do artigo analisado tiverem usado mais de um tipo de pesquisa; ou seja, se a parte empírica tiver se constituído de um levantamento e de uma pesquisa qualitativa anterior ao levantamento (para ajudar no desenvolvimento do instrumento de pesquisa) ou posterior, como forma de complementação de dados ou triangulação de resultados.
- g) Operacionalização de variáveis: se, no artigo sob avaliação, as variáveis a serem usadas na parte empírica tiverem sido explicitadas no referencial teórico ou na metodologia, “operacionalização de variáveis” foi codificada como 1. Caso a referência às variáveis usadas tenha sido feita somente na apresentação dos resultados de pesquisa, a variável recebeu o valor 2..
- h) Classificação da pesquisa: se a pesquisa foi qualitativa, pode ter sido classificada como: 1. Etnografia, 2. Fenomenologia, 3. *Grounded theory*, 4. Observação participante, 5. História oral/história de vida/biografia, 6. Pesquisa-ação, 7. Estudo de caso, 8. Estudo de casos múltiplos, 9. Mais de um (por exemplo, um estudo de casos múltiplos, mas em que foi feita uma pesquisa de campo com “n” unidades amostrais – maior que 30 elementos; ou um estudo de caso, combinado à *grounded theory*), 10. Outro. Se a pesquisa foi quantitativa, pode ter sido caracterizada como: 1. Survey (somente assim considerada se “n” maior que 30), 2. Experimento, 3. Quase-experimento. Essa tipologia, tanto para pesquisas qualitativas quanto para quantitativas, foi proposta a partir do estudado no referencial teórico supramencionado.
- i) Natureza dos dados: tanto nas pesquisas qualitativas quanto nas quantitativas, os dados dos artigos analisados podem ter sido classificados como primários; secundários ou primários e secundários.
- j) Tipo de amostra: essa variável pode ter sido classificada como:
1. Censo (se todas as unidades de interesse tiverem sido pesquisadas)
 2. Probabilística
 3. Não-probabilística
- k) Unidade de análise explicitada: Segundo Babbie (1999, p. 98), “o mundo estudado num survey são as unidades de análise. [...] As unidades de análise são tipicamente pessoas, mas podem também ser famílias, cidades, estados nações, companhias, indústrias, clubes, agências governamentais, etc”. Apesar de o autor ter restringido o conceito para survey, os autores do presente trabalho optaram por estendê-lo também

às pesquisas qualitativas. Essa variável foi classificada como igual a 1 (sim) se o(s) autor(es) do artigo analisado tiver, na parte de metodologia, explicitado qual a unidade de análise da pesquisa. Pode ser uma organização, um setor, banco de dados, jornais, periódicos, dentre outros.

- l) Unidade de observação explicitada: Babbie (1999) esclarece que uma unidade de observação é a unidade de coleta de dados, ou seja, é o elemento de que se coleta informação. O autor explica, ainda, que as unidades de observação muitas vezes são as unidades de análise, mas isso não acontece sempre. Especificamente, aqui, foram considerados como unidade de observação as pessoas efetivamente entrevistadas, ou, em caso de dados secundários, os banco de dados consultados. Essa variável foi codificada em 1 se o(s) autor(es) do artigo analisado tiver, na parte de metodologia, explicitado qual a unidade de observação pesquisada.
- m) Coleta de dados: essa variável explicita a forma como os dados foram coletados. Assim, na pesquisa qualitativa: 1. Pesquisa bibliográfica, 2. Pesquisa documental, 3. Entrevista não-estruturada, 4. Entrevista semi-estruturada, 5. Entrevista estruturada, 6. Grupos focais, 7. Técnicas prospectivas (cenários), 8. Não-especificado, 9. Mais de uma forma qualitativa de coleta de dados (por exemplo, análise de cenários e entrevistas semi-estruturadas). Na pesquisa quantitativa: 10. Questionário (entrevista pessoal), 11. Questionário (correio), 12. Questionário (eletrônico), 13. Simulação, 14. Mais de uma forma qualitativa e quantitativa de coleta de dados (por exemplo, questionário por correio e pesquisa documental). E, em ambos os tipos de pesquisa (qualitativa e quantitativa) ou separadamente: 15. Outro (por exemplo, a técnica *pesquisa direta*, ou visitas, entrevistas não-declaradas).

Apesar de Yin (2001) explicar como a validade e a confiabilidade são verificadas, em um estudo de caso, aqui, consideraram-se passíveis de verificação em termos de validade/confiabilidade apenas estudos quantitativos.

- n) Confiabilidade simples: Malhotra (2001, p. 263) define confiabilidade como o “grau em que uma escala produz resultados consistentes quando se fazem medições repetidas da característica”. Essa variável avalia se, em caso de pesquisas quantitativas, houve verificação de confiabilidade simples dos construtos (1 = sim; 2 = não). Nas pesquisas qualitativas, o valor atribuído a essa variável foi 3 (= “não se aplica”).

- o) Confiabilidade composta: essa variável avalia se, em caso de pesquisas quantitativas, houve verificação de confiabilidade composta dos construtos (1 = sim; 2 = não). Nas pesquisas qualitativas, o valor atribuído a essa variável foi 3 (= “não se aplica”).
- p) Validade de conteúdo: Malhotra (2001) explica que a validade de conteúdo é uma avaliação subjetiva em que o pesquisador (ou seu par) examina se os itens da escala abrangem adequadamente todo o domínio do construto que está sendo medido. Essa variável avalia se, em caso de pesquisas quantitativas, houve verificação de validade de conteúdo para os construtos (1 = sim; 2 = não). Nas pesquisas qualitativas, o valor atribuído a essa variável foi 3 (= “não se aplica”).
- q) Validade de construto: Aborda a questão de qual construto ou característica a escala está realmente medindo. Abrange a validade convergente, a discriminante e a nomológica (Malhotra, 2001, p. 266). Essa variável avalia se, em caso de pesquisas quantitativas, houve alguma verificação de validade (convergente, discriminante e nomológica) dos construtos medidos (1 = sim; 2 = não). Nas pesquisas qualitativas, o valor atribuído a essa variável foi 3 (= “não se aplica”).
- r) Tratamento dos dados: essa variável especifica como os dados obtidos nas pesquisas foram tratados. Nas pesquisas qualitativas: 1. Análise de conteúdo (aqui foram incluídos os artigos que fizeram análise de eventos críticos, dada a necessidade de categorização, característica da análise de conteúdo), 2. Análise de discurso, 3. Outros (usado quando o estudo foi qualitativo, mas, mesmo com “n” menor que 30, houve tratamento estatístico descritivo dos dados), 4. Não especificado
Nas pesquisas quantitativas: 5. Estatística univariada e/ou descritiva, 6. Estatística bivariada, 7. Estatística multivariada, 8. Mais de uma forma de tratamento de dados, ou seja, quando, por exemplo, houve um survey (“n” maior que 30, com tratamento estatístico de dados) e entrevistas, ou pesquisas documentais, sujeitas, por exemplo, à análise de conteúdo ou de discurso.
- s) Teste do viés de não resposta: essa variável assumiu o valor 1 se houve algum teste em relação aos que não retornaram os questionários; e 2, caso não houve tal teste. Em pesquisas qualitativas ou com dados secundários, foi-lhe atribuído o valor 3 (= não se aplica).
- t) Limitações: essa variável assumiu valor igual a 1 se o/a (s) autor (es/as) do artigo sob análise explicitou as limitações de seu estudo. Caso contrário, o valor da variável foi igualado a 2.

- u) Recomendações: essa variável assumiu valor igual a 1 se o/a (s) autor (es/as) do artigo sob análise explicitou as limitações de seu estudo. Caso contrário, o valor da variável foi igualado a 2.
- v) Instituição de origem do primeiro autor do artigo analisado: essa variável poderia ter assumido quaisquer dos seguintes valores, tendo sido a ordem exclusivamente por escolha dos autores : 1. UFMG, 2.UFRJ, 3. FGV, 4. USP, 5. UFBA, 6. UFPR, 7. UFRGS, 8. UFPE, 9. UFSC, 10. UFU, 11. PUC-RIO, 12. PUC-SP, 13. PUC-MG, 14. Outras.

4. RESULTADOS

De todos os artigos de 1997 a 2002, 148 foram empíricos ou teórico-empíricos. A partir dos dados da tabela 1, pode-se perceber como artigos empíricos têm crescido em importância nos ENANPADs.

TABELA 1 – Artigos empíricos ou teórico-empíricos por ano nos Enanpads de 1997 a 2002

Ano	Frequência	Percentua l	Frequência Acumulada
1997	17	11,5	11,5
1998	16	10,8	22,3
1999	18	12,2	34,5
2000	23	15,5	50,0
2001	39	26,4	76,4
2002	35	23,6	100,0
Total	148	100,0	

Fonte: Saída do SPSS

A tabela 2 mostra a evolução das estratégias de pesquisa (exploratória, descritiva ou causal) ao longo do período de tempo selecionado. Nota-se que, apesar da predominância de pesquisas exploratórias, elas vêm cedendo espaço às descritivas, tendo caído de 70,6% do total em 1997 para 51,4% em 2002, e chegando a alcançar 50% em 1999. Por outro lado, observa-se a ausência absoluta de pesquisas causais nos anos analisados.

TABELA 2 – Estratégias de pesquisa usadas nos artigos analisados

Estratégia de pesquisa	Dados	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
Pesquisa exploratória	Cont.	12	9	9	13	22	18	83
	% rel. a ESTRAT	14,5%	10,8%	10,8%	15,7%	26,5%	21,7%	100,0%
	% rel. a ANO	70,6%	56,3%	50,0%	56,5%	56,4%	51,4%	56,1%
	% de Total	8,1%	6,1%	6,1%	8,8%	14,9%	12,2%	56,1%
Pesquisa descritiva	Cont.	5	7	9	10	17	17	65
	% rel. a ESTRAT	7,7%	10,8%	13,8%	15,4%	26,2%	26,2%	100,0%
	% rel. a ANO	29,4%	43,8%	50,0%	43,5%	43,6%	48,6%	43,9%
	% de Total	3,4%	4,7%	6,1%	6,8%	11,5%	11,5%	43,9%

Fonte: Saída do SPSS, versão 10.0

Todos os artigos explicitaram o(s) objetivo(s) de pesquisa, com exceção de um artigo em 1997. Isso mostra a preocupação dos autores em buscar melhorar a qualidade dos artigos apresentados.

Dos 148 artigos analisados, 90 continham perguntas ou hipóteses de pesquisa explicitadas no início do artigo ou na metodologia. A tabela 3 apresenta o comportamento da variável “perguntas/hipóteses de pesquisa” no período em questão. Nota-se que, de 1997 até 2002, os artigos tenderam a ter as perguntas ou hipóteses explicitadas, com exceção de 1998. Isso também corrobora a melhoria crescente de qualidade dos artigos empíricos ou teórico-empíricos, seja pelo teste de hipóteses, seja por pesquisas exploratórias, que mesmo assim, devem conter perguntas a serem respondidas. (Malhotra. 2001).

TABELA 3 – Presença de perguntas/hipóteses de pesquisa por ano

Presença de perguntas/hipóteses de pesquisa nos artigos	Dados	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
sim	Cont.	8	6	12	13	25	26	90
	% rel. a ANO	47,1%	37,5%	66,7%	56,5%	64,1%	74,3%	60,8%
não	Cont.	9	10	6	10	14	9	58
	Total	17	16	18	23	39	35	148

Fonte: Saída do SPSS

Os artigos avaliados foram classificados de acordo com o tema principal que abordavam. Esses temas foram retirados da página da ANPAD, que trata da área de Estratégia nas Organizações. Para proceder à classificação, cada um dos autores do presente artigo leu todos os 148 resumos, classificando-os, então, de acordo com os temas dados. Quando restava alguma dúvida, lia-se todo o corpo teórico do artigo sob análise. Em seguida, comparavam-se as classificações, tendo sido por vezes necessária uma terceira opinião para chegar ao consenso. Os resultados estão dispostos na Tabela 4. Os principais temas abordados nos artigos avaliados, ao longo do período de análise, foram “conteúdo e processo estratégico” e “estratégia, ambiente e competitividade”.

TABELA 4 – Temas dos artigos avaliados

Temas	Dados	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
1 = conteúdo e processo estratégico	Cont. % rel. a ANO	6 35,3%	2 12,5%	8 44,4%	7 30,4%	15 38,5%	10 28,6%	48 32,4%
2 = formulação, implementação e avaliação de estratégias	Cont. % rel. a ANO	2 11,8%	4 25,0%	2 11,1%	1 4,3%	4 10,3%	11 31,4%	24 16,2%
3 = estratégia, ambiente e competitividade	Cont. % rel. a ANO	6 35,3%	7 43,8%	4 22,2%	10 43,5%	10 25,6%	10 28,6%	47 31,8%
4 = relações e impacto de estratégia sobre processos e dimensões da Organização	Cont. % rel. a ANO	3 17,6%	3 18,8%	4 22,2%	5 21,7%	6 15,4%	1 2,9%	22 14,9%
5 = meta-análises	Cont.	0	0	0	0	4	3	7
	% rel. a ANO	0	0	0	0	10,3%	8,6%	4,7%
	Total	17	16	18	23	39	35	148

Fonte: Saída do SPSS.

Quanto ao desenho das pesquisas, há predomínio do corte transversal. Quase todos os estudos longitudinais aqui reportados foram feitos através de dados secundários, e não pela aplicação do instrumento de pesquisa em momentos distintos do tempo. De qualquer forma, isso é bastante compreensível no contexto brasileiro, dada a relativa escassez de financiamento para pesquisas, além da pouca tradição que as pessoas têm, em termos de boa-vontade, para responder as pesquisas.

Tabela 5 – Desenho de pesquisa dos artigos analisados

Desenho da pesquisa	Dados	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
1 = corte transversal	Cont.	16	16	14	20	32	24	122
	% rel. a ANO	94,1%	100,0%	77,8%	87,0%	82,1%	68,6%	82,4%
	% de Total	10,8%	10,8%	9,5%	13,5%	21,6%	16,2%	82,4%
2 = longitudinal	Cont.	1	0	4	3	7	11	26
	% rel. a ANO	5,9%	0	22,2%	13,0%	17,9%	31,4%	17,6%
	% de Total	0,7%	0	2,7%	2,0%	4,7%	7,4%	17,6%
	Total	17	16	18	23	39	35	148

Fonte: Saída do SPSS.

Nota-se que a grande maioria dos artigos analisados (90,5%) não fez uso de um mix de métodos de pesquisa, isto é, não foram combinadas técnicas qualitativas e quantitativas (Tabela 6). É bom lembrar que só foram classificados como artigos que fizeram tal combinação os que tiveram uma parte qualitativa e uma quantitativa, sendo que, para a parte quantitativa, “n” deveria ser maior que 30. Assim, por exemplo, um estudo de casos múltiplos que tenha usado entrevistas e questionários (mesmo os que tiveram respostas tratadas quantitativamente, com estatísticas descritivas) foi classificado como um artigo em que não houve mix de métodos.

TABELA 6 – Mix de métodos

Existência de vários métodos	Dados	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
1 = sim	Cont.	5	0	1	3	1	4	14
	% rel. a ANO	29,4%	0	5,6%	13,0%	2,6%	11,4%	9,5%
2 = não	Cont.	12	16	17	20	38	31	134
	% rel. a ANO	70,6%	100,0%	94,4%	87,0%	97,4%	88,6%	90,5%
	% de Total	8,1%	10,8%	11,5%	13,5%	25,7%	20,9%	90,5%

Fonte: Saída do SPSS

Pela tabela 7, pode-se perceber que somente a partir de 1999 os pesquisadores se preocuparam em explicitar (operacionalizar) as variáveis que seriam incluídas na pesquisa na introdução de seus artigos ou na parte que tratou da metodologia. Em 2002, 97,1% dos pesquisadores operacionalizaram as variáveis das respectivas pesquisas, o que comprova a preocupação dos mesmos com a qualidade dos artigos apresentados.

TABELA 7 – Operacionalização das variáveis de pesquisa

Operacionalização das variáveis de pesquisa	Dados	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
1 = sim	Cont.	8	7	13	21	32	34	115
	% rel. a ANO	47,1%	43,8%	72,2%	91,3%	82,1%	97,1%	77,7%
	% de Total	5,4%	4,7%	8,8%	14,2%	21,6%	23,0%	77,7%
2 = não	Cont.	9	9	5	2	7	1	33
	% rel. a ANO	52,9%	56,3%	27,8%	8,7%	17,9%	2,9%	22,3%
	% de Total	6,1%	6,1%	3,4%	1,4%	4,7%	,7%	22,3%

Fonte: Saída do SPSS.

Por meio da Tabela 8, pode-se perceber que as pesquisas de Estratégia apresentadas nos ENANPADs de 1997 a 2002 têm se concentrado em estudos de caso (simples e/ou múltiplos, que, juntos, somam 86 casos, representando 58,11% dos 148 artigos analisados ao longo do período considerado) e em levantamentos (44 casos, representando 29,7% do total). Apesar de não aparecer isoladamente, é necessário esclarecer que houve mais estudos que se classificariam como fenomenologia ou *grounded theory*, mas que, por estarem combinados com, por exemplo, estudos de caso, foram classificados como “outro”, incluindo também incluiu as meta-análises feitas em apenas um periódico. Meta-análises feitas em mais de um periódico e revistas foram tratadas como “estudos de caso múltiplos e meta-análises”, sendo, portanto, classificadas como “mais de um”. Não se pode deixar de mencionar o único experimento, ocorrido em 2002. Mesmo tendo sido experimento, o estudo não foi classificado como causal pelos autores originais.

TABELA 8 – Classificação das pesquisas

Classificação das pesquisas	Frequência	Percentual
Fenomenologia	1	0,7
Pesquisa-ação	6	4,1
Estudo de caso	42	28,4
Estudo de casos múltiplos	44	29,7
Mais de um tipo	7	4,7
Outros	3	2,0
Survey	44	29,7
Experimento	1	0,7
Total	148	100,0

Fonte: Saída do SPSS

A Tabela 9 mostra que a maioria das pesquisas analisadas (53,4%) buscou coletar dados de fontes primárias e secundárias, através de entrevistas, questionários e fontes bibliográficas e/ou documentais. Isso evidencia a preocupação dos pesquisadores com a tentativa de triangulação de dados, ou como forma de complementá-los, o que, sem dúvida, traduz-se em estudos mais bem qualificados e mais confiáveis, como argumenta Straub (1989).

TABELA 9 – Natureza dos dados

Natureza dos dados coletados	Dados	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
primários	Cont.	7	2	2	11	12	10	44
	% rel. a ANO	41,2%	12,5%	11,1%	47,8%	30,8%	28,6%	29,7%
secundários	Cont.	0	2	3	2	8	10	25
	% rel. a ANO	0	12,5%	16,7%	8,7%	20,5%	28,6%	16,9%
primários e secundários	Cont.	10	12	13	10	19	15	79
	% rel. a ANO	58,8%	75,0%	72,2%	43,5%	48,7%	42,9%	53,4%
	Total	17	16	18	23	39	35	148

Fonte: Saída do SPSS.

Dados da Tabela 10 evidenciam que os pesquisadores ainda têm encontrado dificuldades de fazerem planos amostrais (probabilísticos), o que impossibilita a generalização de resultados. Não se pode ignorar a dificuldade de se obterem dados no Brasil. Por outro lado, tal característica não tem que ser vista como um fator inviabilizador. Pelo contrário, caso os

pesquisadores busquem a generalização de seus resultados, os esforços devem ser crescentes na busca por amostragem probabilística, que ateste a qualidade superior dos trabalhos a serem apresentados.

TABELA 10 – Amostragem dos artigos analisados

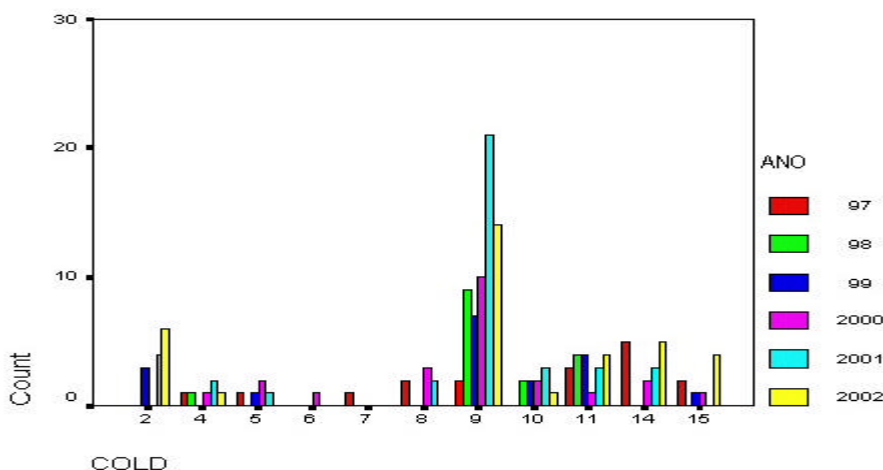
Tipo de amostragem	Frequência	Percentual
Censo	9	6,1
Probabilística	11	7,4
Não-probabilística	128	86,5
Total	148	100,0

Fonte: Saída do SPSS

Dos 148 artigos analisados, apenas um, em 2001, deixou de explicitar a unidade de análise. Há que se lembrar que, no presente artigo, as organizações, os periódicos e os setores são consideradas as unidades de análise. Os respondentes (por exemplo, clientes, gestores, funcionários ou o banco de dados secundários) foram classificados como unidade de observação explicitada. Em todo o período analisado (de 1997 a 2002), 130 artigos avaliados (87,7%) explicitaram a unidade de observação na metodologia.

Ao se analisar o Gráfico 1, percebe-se que as técnicas grupos focais, técnicas prospectivas (cenários) ou outra técnica não-especificada na metodologia do artigo avaliado são a minoria, representando, isoladamente, 0,7%, 0,7% e 4,7%, respectivamente. Esclarece-se que o uso de cenários foi maior que 0,7%, pois, junto com cenários, os autores usaram outras técnicas combinadas, o que levou o artigo a ser classificado, nessa variável, como 9 (mais de uma técnica qualitativa de coleta de dados) ou 14 (quando houve análise de cenários e survey, combinados). Em termos de coleta de dados, 42,6% do total de artigos avaliados fez uso de mais de uma técnica qualitativa, seguido de 12,8%, que usaram questionário via correio. Esse resultado corrobora análise anterior a respeito de classificação das pesquisas, onde predominaram estudos de casos (simples e múltiplos), seguidos de surveys.

Gráfico 1 – Formas de coleta de dados utilizadas de 1997 a 2002



Fonte: Saída do SPSS.

Legenda: 1. Pesquisa bibliográfica/ 2. Pesquisa documental/ 3. Entrevista não-estruturada/ 4. Entrevista semi-estruturada/ 5. Entrevista estruturada/ 6. Grupos de foco/ 7. Técnicas prospectivas (cenários) / 8. Não-especificado/ 9. Mais de uma forma qualitativa de coleta de dados (por exemplo, análise de cenários e entrevistas semi-estruturadas) 10. Questionário (entrevista pessoal)/ 11. Questionário (correio) / 12. Questionário (eletrônico)/ 13. Simulação / 14. Mais de uma forma qualitativa e quantitativa de coleta de dados (por exemplo, questionário por correio e pesquisa documental) / 15. Outro

Dos 49 artigos que envolveram estudos quantitativos e para os quais, portanto, cabia fazer verificação da confiabilidade simples, apenas três o fizeram. Quanto à confiabilidade composta, nenhum dos 49 a verificou. Ainda, dos 49 artigos, apenas 10 artigos procederam à validade de conteúdo e dois, em 1999, verificaram a validade de construto. Nota-se que a validade de construto verificada foi a convergente, nada sendo reportado quanto às validades discriminante e nomológica. Tal resultado evidencia que os acadêmicos da área de Estratégia nas Organizações precisam melhorar a confiabilidade dos instrumentos de pesquisa utilizados em estudos quantitativos, além de reportarem tal verificação nos seus artigos. Isso, além de contribuir consideravelmente para a melhoria da qualidade dos mesmos, ajudaria na replicação de estudos, e facilitaria a publicação internacional, já que os periódicos internacionais de maior visibilidade em geral trazem esses valores.

Ao se analisar a tabela 11, nota-se que a análise de conteúdo vem sendo aplicada de maneira crescente, no tratamento dos dados, o que revela cuidado em dar um tratamento formal aos dados, por parte dos pesquisadores. Por outro lado, em 21 artigos (14,2%), não foi especificada a forma de tratamento de dados, o que pode ser preocupante, visto que os valores não estão decrescendo ao longo dos anos. Por outro lado, isso pode indicar o crescimento da

postura subjetivista, interpretativista, o que realmente parece ter acontecido, a partir de 2000, como atestam Paulino *et al.* (2001). Assim, os pesquisadores da área de estratégia parecem estar seguindo os preceitos da pesquisa direta, preconizada por Mintzberg (1979) e já anteriormente mencionada neste texto. Há que se notar, também, o relativamente restrito uso de ferramentas estatísticas multivariadas nos estudos quantitativos. Quando usadas, privilegiou-se a análise fatorial exploratória.

TABELA 11 – Tratamento dos dados coletados

Tratamento dos dados	Frequência	Percentual (%)
Análise de Conteúdo	21	14,2
Análise de Discurso	3	2,0
Outros ¹	54	36,5
Não especificado	21	14,2
Estatística univariada e/ou descritiva	21	14,2
Estatística Bivariada	1	,7
Estatística Multivariada	14	9,5
Mais de uma forma de tratamento de dados ²	13	8,8
Total	148	100,0

Fonte: Saída do SPSS, versão 10.0

Nota: ¹ Usado quando o estudo foi qualitativo, mas, mesmo com “n” menor que 30, houve tratamento estatístico descritivo dos dados.

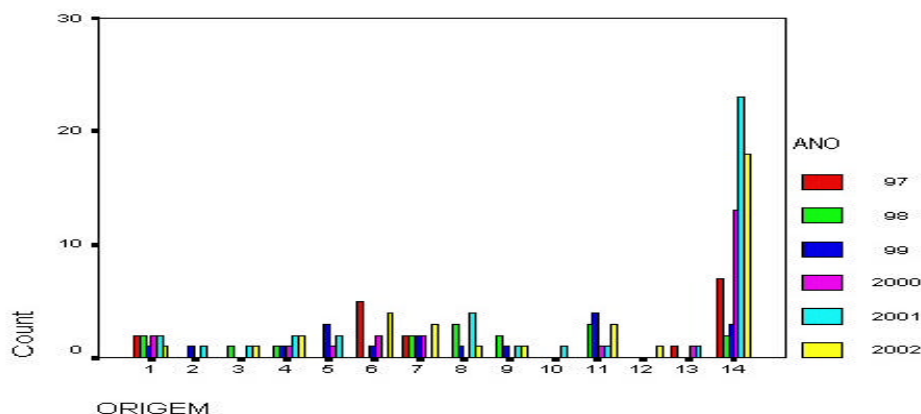
² Por exemplo, se houve um survey (“n” maior que 30, com tratamento estatístico de dados) e entrevistas, ou pesquisas documentais, sujeitas à análise de conteúdo ou de discurso.

Em 64 artigos (43,2%), os autores analisados explicitaram as limitações de seus estudos. Além disso, em 71 artigos (48%) houve recomendações quanto a estudos futuros. Está clara, neste caso, a necessidade de melhorar tal índice, como forma de aumentar a qualidade dos artigos apresentados.

Em termos das instituições de origem dos primeiros autores dos artigos analisados, é possível perceber que impera a diversidade de origens, sendo que a legenda 14 (outras), ao longo dos cinco anos, contribuiu com 66 artigos dos 148 avaliados, representando 44,6%. Esse percentual elevado indica também que estudos futuros devem, na medida do possível,

evitar tal categoria (outros), pois ela acabou deixando pouco transparente a origem de quase metade dos trabalhos analisados. Nota-se, também, que, em termos de trabalhos empíricos e teórico-empíricos, a UFMG foi a que esteve representada todos os anos, desde 1997 a 2002. PUC-RIO e USP só não estiveram presentes em 1997 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Instituições de origem do primeiro autor



Fonte: Saída do SPSS

Legenda: 1. UFMG, 2. UFRJ, 3. FGV, 4. FEA-USP, 5. UFBA, 6. UFPR, 7. UFRGS, 8. UFPE, 9. UFSC, 10. UFU, 11. PUC-RIO, 12. PUC-SP, 13. PUC-MG, 14. Outras

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, neste artigo, classificar e caracterizar, em termos de perfil metodológico, os artigos dos autores de estratégia que se apresentaram nos ENANPADs. A escolha do evento deu-se pela importância que o ENANPAD tem no cenário da pesquisa em Administração no Brasil. É importante retratar quais os caminhos que têm sido mais trilhados pelos autores, de forma a delinear os tópicos que têm merecido menor ou maior atenção de pesquisadores, bem como para se buscar novas abordagens teóricas e metodológicas em pesquisas sobre Estratégia.

Nas análises dos métodos aplicados vê-se um certo predomínio do uso de tratamento de dados de natureza qualitativa em direção da análise de conteúdo (14,2 %), ao passo que análise mais contextual e abrangente, o discurso (2,0%). Acredita-se que haveria um ganho maior se ambas tivessem tido percentual semelhante. Nas análises quantitativas, predominam as estatísticas univariadas (14,2%), em relação às multivariadas (9,5%). Esse fato evidencia certa “cautela” quanto ao grau de contribuição às teorias, uma vez que análises univariadas têm menor poder de explicar relações “causais” quando comparadas às multivariadas.

Curiosamente, nos estudos pesquisados, identificou-se apenas uma pesquisa de natureza experimental, apresentando um elevado número de pesquisa com amostras não probabilísticas (86,5% - TAB. 10). Daí poderia ser pertinente recomendar aos pesquisadores que se proponham metodologias e instrumentos de pesquisa que se aproximem melhor desse laboratório aberto - o mundo real.

É interessante notar que a forma predominante de coleta de dados foi qualitativa, com técnicas combinadas (entrevistas semi-estruturadas, análise de cenário). Entretanto e, de forma surpreendente, técnicas como grupos focais e análise prospectiva, praticamente não foram aplicadas. Podem ser observadas melhorias, já que os artigos dos últimos anos se apresentam mais tecnicamente corretos, segundo cânones de formado, estrutura e conteúdos, recomendações de trabalhos científicos. Isso pode ser explicado dadas as facilidades de recursos de acesso à literatura internacional e ao uso de plataformas de softwares, além da crescente concorrência dos últimos ENANPADs. Notou-se também a adequação entre os problemas propostas e as metodologias adotadas, com atendimento a critérios de ajustes, rigor e parcimônia. Assim, pode-se, indo um pouco além dos dados lidos nesse trabalho, perceber que os programas de pós-graduação estão se preocupando bastante com aspectos relacionados à metodologia de pesquisa, como apontado pelos reflexos evolutivos detectados no material de análise.

6 BIBLIOGRAFIA

ANAIS do XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Edição em Cd Rom. Angra dos Reis: ANPAD, 1997.

ANAIS do XXII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Edição em Cd Rom. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998.

ANAIS do XXIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Edição em Cd Rom. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999.

ANAIS do XXIV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Edição em Cd Rom. Florianópolis: ANPAD, 2000.

ANAIS do XXV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Edição em Cd Rom. Campinas, ANPAD, 2001.

ANAIS do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Edição em Cd Rom. Salvador, ANPAD, 2002.

- ANSOFF, H. I. *Administração Estratégica*. São Paulo: Atlas, 1983.
- BABBIE, E. Métodos de pesquisa de survey. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999, 518 p.
- BIGNETTI, L. P.; PAIVA, E. L. Estudo das Citações de Autores de Estratégia na Produção Acadêmica Brasileira. *Anais do XXV Encontro da ANPAD*, Campinas, 2001.
- BRUYNE, Paul de et al. *Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990, 250 p.
- CHANDLER, A. D. *Strategy and Structure*, MIT Press, Cambridge, Massachussetts, 1962
- COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque e metodológico para além da modernidade. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v.1, n. 11, 2000.
- CRESWELL, J. W. *Research design: qualitative and quantitative approaches*. London: Sage Publications, 1994, 227 p.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. L. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 1967. 271 p.
- HANNAN, M. T., FREEMAN, J. H. The Population Ecology of Organizations. *American Journal of Sociology*, 82, 1977.
- HAGUETTE, M. T. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2000, 224 p.
- ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Apresentando a grounded theory: uma nova proposta de abordagem qualitativa na pesquisa organizacional. *Anais do XXV Encontro da ANPAD*, Campinas, 2001.
- MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Bookman, 2001.
- MINTZBERG, H. *The Nature of Managerial Work*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1973.
- MINTZBERG, H. An emerging strategy of "direct" research. *Administrative Science Quarterly*, v. 24, 1979, p. 582-589.
- MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. *Safari de Estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico*. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- NISBET, R.; BOTTOMORE, T. *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- PAULINO, A. D.; BARBIERI, J. C.; DE FREITAS, M. C. A. A. Organização e Estratégia: tendências de estudos no cenário nacional. *Anais do XXV Encontro da ANPAD*, Campinas, 2001.
- PFEFFER, J.; SALANCIK, G. R.. *The External Control of Organizations: A Resource Dependence Perspective*. New York: Harper & Row, 1978.
- PORTER, M. *Vantagem Competitiva*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Von Simon, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

RÉVILLION, Anya S. P. A Utilização de Pesquisas Exploratórias na Área de Marketing. *Anais do XXV Encontro da ANPAD*, Campinas, 2001.

STRAUB, Detmar W. Validating instruments in MIS Research. *MIS Quarterly*, v. 13, n. 2, p. 146-170.

THIOLLENT, M. *Pesquisa-ação nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1997, 163 p.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e método*. São Paulo: Bookman, 2001, 205 p.